

## **A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DE ESTUDO A PARTIR DA VIVÊNCIA EM AULAS PRÁTICAS**

**DANIELA NERIS GONÇALVES<sup>1</sup>; CAROLINE QUINTANA BRAGA<sup>2</sup>; LEILA MACIAS<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> *Universidade Federal de Pelotas – danielaneris@yahoo.com.br*

<sup>2</sup> *Universidade Federal de Pelotas – carolineqbraga@hotmail.com*

<sup>3</sup> *Universidade Federal de Pelotas – lmacias@uol.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

As rápidas mudanças tecnológicas atuais têm proporcionado uma ampla gama de informações disponíveis na internet, livros e nos mais diversos meios de comunicação. Dentro deste conceito, se torna cada vez mais imprescindível a prática da autonomia na busca pela informação e construção de conhecimento nas mais diversas áreas do saber. Na realidade escolar, esta prática é de suma importância, pois é sabido que existe defasagem no estudo de alguns conteúdos no ensino fundamental e médio por variados motivos. Pode-se afirmar que o fator tempo e estrutura contribuem para tal defasagem. Aos alunos que se dedicam à busca da informação de forma autônoma poderá suceder o suprimento destes conteúdos que não são trabalhados de forma satisfatória em sala de aula.

Situações como estas podem ser encontradas no ensino de Botânica do Ensino Médio. Muitas vezes os assuntos relacionados a esta área não são trabalhados ou são expostos rapidamente sem a formação de um contexto e sem a significação necessária para o aprendizado, criando assim uma aversão à Botânica. Para ARRUDA e LABURÚ (1996), os conceitos de Botânica são ensinados de forma desestimulante e desagradável, sem observação ou interação direta com as plantas. Estas metodologias tradicionalistas acabam por gerar uma situação em que os alunos apenas memorizam os conceitos por um curto período de tempo, não caracterizando assim o aprendizado, CARRAHER (1986).

Visando adequar o estudo de Botânica às metodologias atuais de ensino promulgadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), que procuram estabelecer uma aprendizagem contextualizada e significativa, além de incitar à autonomia de estudo é que se faz necessário a elaboração de aulas práticas com materiais disponíveis permitindo assim aos alunos uma vivência com o objeto de estudo, no caso, os vegetais. Para PINTO (2009), as principais funções das aulas práticas são: despertar e manter o interesse dos alunos, envolver os estudantes em investigações científicas, desenvolver a capacidade de resolver problemas, compreender conceitos básicos e desenvolver habilidades.

Despertar o senso crítico e o interesse pela busca da informação de forma autônoma através da vivência em aulas práticas consolida a tendência defendida por FREIRE (1996) na qual afirma que educadores e educandos necessitam de estímulos que despertem a curiosidade e em decorrência disso a busca para chegar ao conhecimento.

Este estudo tem por objetivo apresentar os resultados de um trabalho realizado com alunos dos segundos anos do ensino médio de uma escola

pública na cidade de Pelotas (RS) no qual foram abordados diversos conceitos de Botânica em laboratório visando suprir assuntos não trabalhados no currículo normal da escola e que são de grande importância para suas formações.

## 2. METODOLOGIA

As aulas práticas de Botânica foram realizadas na Escola Estadual Dom João Braga, a qual é uma das escolas participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-UFPEL). Dois encontros foram utilizados para que os alunos avaliassem as atividades como um todo, expusessem suas opiniões e percepções além de enfatizarem as decorrências das atividades em suas vidas cotidianas através de uma pesquisa.

Para tanto, foi elaborado um questionário no formato de múltipla escolha no qual constavam questões sobre os efeitos surtidos após o contato com as plantas, informações e vídeos apresentados em laboratório. A questão que envolvia todas as particularidades das ações pós-aula prática contava com os seguintes itens: Assinale se houve uma ou mais situações como:

- A)  Fez pesquisa na internet sobre algum dos assuntos apresentados
- B)  Observou em casa se havia alguma planta apresentada em laboratório
- C)  Comentou com os pais/irmãos/familiares sobre as aulas práticas
- D)  Comentou com os colegas de escola/professores sobre as aulas práticas
- E)  Leu mais sobre botânica em livros didáticos
- F)  Nenhuma situação anterior

A outra questão se tratava da impressão dos alunos sobre as aulas: As aulas práticas estão contribuindo para ampliar seus conhecimentos sobre botânica?  sim,  não

E uma terceira questão tratava da problemática da autonomia do estudo de Botânica: Pretende estudar Botânica de forma autônoma?  sim,  não.

Os alunos puderam assinalar mais de uma situação ocorrida.

Portanto a partir deste questionário pôde-se chegar aos resultados que se seguem.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nesta pesquisa partem de 18 alunos que responderam ao questionário. Seguem as porcentagens de cada item abaixo:

- A) Fez pesquisa na internet sobre algum dos assuntos apresentados  
22% marcaram este item

- B) Observou em casa se havia alguma planta apresentada em laboratório  
38% marcaram este item
- C) Comentou com os pais/irmãos/familiares sobre as aulas práticas  
94% marcaram este item
- D) Comentou com os colegas/professores sobre as aulas de Botânica  
66% marcaram este item
- E) Leu mais sobre botânica em livros didáticos  
5% marcaram este item
- F) Nenhuma situação anterior  
0% marcou este item

Na segunda questão a qual se tratava das impressões quanto à relevância das aulas práticas: 100 % responderam que sim. As aulas práticas estão contribuindo para ampliar os conhecimentos sobre Botânica.

A terceira questão sobre autonomia de estudo: 39% responderam que pretendem estudar Botânica de forma autônoma.

Podemos perceber que poucos alunos de fato realizaram pesquisas mais aprofundadas em internet ou livros sobre os conceitos trabalhados, o que de fato condiz com o modesto número de alunos que pretendem iniciar seus estudos de forma autônoma.

No momento em que os alunos respondiam aos questionários, alguns perguntaram o que seria estudar de forma autônoma. Isso mostra que muitos deles não compreendem o conceito de autonomia de estudo no Ensino Médio. Por outro lado, o alto número de alunos que conversaram em casa com familiares sobre as aulas práticas, mostra que houve pontos positivos no momento pós-aula.

#### **4. CONCLUSÕES**

Frente aos dados obtidos, podemos perceber que a desconstrução do modelo de aula tradicional e meramente conteudista, gradativamente pode fazer com que o interesse pelo assunto trabalhado se torne constante à medida que os alunos tenham cada vez mais informações disponíveis e incentivo por parte dos professores a buscarem complementos a sua formação em outros locais e com diversos materiais.

O conceito de autonomia de estudo no Ensino Médio deve ser trabalhado com os alunos, para que eles tenham a percepção de que o conhecimento é construído não apenas formalmente, dentro da escola, sob a assistência de um professor, mas, pode e deve ser uma busca constante, entre vivências externas à escola, em grupos diferentes etc.

Para tanto, a função do professor deve-se expandir para além de mero transmissor de conhecimento, mesmo porque isso não existe segundo FREIRE (1996). As informações podem ser transferidas ou expostas, mas para a construção do conhecimento sólido e para as habilidades que podem surgir a partir dele é necessário mais do que a simples exposição. É necessária a vivência. Portanto, o professor se torna um mediador que auxilia os alunos na sua busca pela concretização do conhecimento e isso está diretamente

relacionado com a autonomia que se desperta e que se constrói em cada aluno.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PINTO, A. **Importância das aulas práticas na disciplina de Botânica**. Paraná, 2009. 5p

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. 1996

ARRUDA, S.M; LABURÚ, C.E. Considerações sobre a função do experimento no ensino de ciências. **Pesquisa no ensino de ciências e matemáticas**. 1996. 204p

AUSUBEL, D.P; NOVACK.: HANESIAN, Hol. **Education Psychology: A Cognitive View**. Nova York: Holt, Rineahartd & Winston, 1968.

